

*Agenor Soares e Silva Júnior*

*Professor Adjunto do Curso de História da Universidade  
Estadual Vale do Acaraú – UVA*

## *AS MISSÕES RELIGIOSAS DE PADRE IBIAPINA COMO MOVIMENTOS REFORMADORES DAS CIDADES SERTANEJAS*

### **Resumo**

---

O artigo investiga a influência das práticas religiosas na fisionomia urbana dos sertões cearenses, assim como o universo das missões no Ceará dos séculos XVIII e XIX, para além do disciplinamento social, que exerceu nos povoados sertanejos mudanças significativas no incremento de uma tímida malha urbana; analisa como as missões de Pe. Ibiapina exerceram mudanças na fisionomia urbana das incipientes vilas e cidades cearenses, aplicando nos sertões o essencial ao desenvolvimento da vida rural, estabelecendo uma política de desenvolvimento a partir das obras de caridade e reestruturação dos equipamentos urbanos frente aos parques investimentos estatais e dos potentados locais.

Palavras-chave: Missões Religiosas, Padre Ibiapina, Cidades Sertanejas

---



O sertão cearense do século XIX, universo habitado por irmandades e penitentes, beatos e devotos, benzedeiras e carpideiras, com suas promessas e rezas, missões e mutirões – aparentemente distantes das mudanças que se processavam nos grandes centros, parecendo não se contaminar pelas doutrinas romanizadas –, recebeu em seu desenvolvimento urbano uma aura de cristandade muito intensa, tendo nesses movimentos religiosos, as características fundantes de sua “identidade urbana”.

Ao ser retomado o movimento de missões no novecentos, experiências desencadeadas desde o período colonial, a fisionomia de algumas cidades cearenses passou a experimentar “nova” dinâmica, influenciada pelos trabalhos espirituais de religiosos que peregrinavam pela região revitalizando a cultura religiosa, exercendo uma retomada nos melhoramentos espirituais e materiais, construindo uma infraestrutura que constituía foco de uma atividade global: coordenando construções, reformas e conservações nos espaços públicos pelos sertões, lugar por excelência das câmaras municipais.

As missões, dessa forma, exerceram influência paralela ao Estado que até então se mostrava impotente na tarefa de estimular o desenvolvimento da sociedade rural, deixando a desejar no que diz respeito à administração das cidades interioranas, principalmente aquelas sem expressão econômica, cedendo espaço aos religiosos que, cada vez mais preocupados com as questões nacionais, apresentavam outra perspectiva missioneira, num contexto da expansão capitalista da região; um desenvolvimento espiritual ligado também ao material que estabelecia políticas de “desenvolvimento sustentável” aos pequenos centros como meio de superação da miséria, antes abandonados a própria sorte.

Dentre os missionários que desenvolveram atividades nos sertões cearense, destaca-se a figura de padre Ibiapina; um religioso influenciado por frei Vidal da Penha, capuchinho do final do século XVIII que estabeleceu um discurso moral nos povoados da região<sup>1</sup>. Padre Ibiapina, ao percorrer léguas pelos sertões, reviveu o costume jesuíta de edificar cruzeiros nas povoações por onde passava; materialização da própria mística missionária, marco religioso que precedia capelas e igrejas a serem construídas; demarcador, na maioria das vezes, da implantação de vilas e cidades nos sertões cearenses. Ao levantar esses símbolos,

---

<sup>1</sup> Grande devoto e propagandista do culto das Dores de Maria Santíssima, frei Vidal da Penha lançava profecias apocalípticas sobre algumas povoações que visitava; profetizava que a cidade de Sobral viraria “cama de baleia” ou “cama de tubarões”, se referindo a uma inundação – visão apocalíptica do dilúvio – que viria acontecer, deixando a cidade submersa. Segundo o religioso, “Sobral tinha sido malhada de gado, depois iria ser uma grande cidade e mais tarde seria cama de baleia”. Sobre isso ver: MELO, Francisco Dênis. Imaginário da população da ribeira do Rio Acaraú em Sobral-Ce. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2001. (mimeo).

propagava a ideia do espaço como sagrado; foi o continuador de uma *cultura de missão* preocupada com tais questões. Fazia parte de um grupo ligado às questões nacionais, podendo ser chamado de clero nacionalista. Abraçando o apostolado somente aos 47 anos de idade, no decorrer de sua vida na jurisprudência, entrou em contato com a realidade sociopolítica da região, organizada por potentados rurais que regiam a vida nos sertões. Essas condições o levaram a desenvolver um espírito político aguçado, evidenciado em seus trabalhos espirituais.

Segundo Luitgarde Oliveira Barros, Padre Ibiapina foi um agente de desenvolvimento sócio-cultural porque, a partir do profundo conhecimento da sociedade de sua época e das características da cultura sertaneja, o padre missionário foi capaz de detectar os fatores endógenos dessa civilização, que promoveram a melhoria de vida das baixas camadas.<sup>2</sup>

Considerado como o primeiro missionário “moderno” foi responsável pelo contato renovado e institucionalizado entre o clero e o povo nos idos de 1853. Compreendia que o estilo missionário tradicional, empregado principalmente pelos capuchinhos, não alcançava resultados duradouros por não estabelecer uma ponte entre “a Igreja institucional e a Igreja-povo de Deus”<sup>3</sup>.

Dessa forma, instituiu um trabalho evangelizador preocupado com uma aproximação às camadas mais pobres soltas pelos sertões, abandonados pelas autoridades e

---

<sup>2</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. A ação modernizadora de Padre Ibiapina. In: DESROCHERS, Gerogette; HOONAERT, Eduardo (orgs). Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p. 115-6. Segundo a autora, Padre Ibiapina encontrou como vetor na consecução de seus objetivos, a busca de soluções tiradas da cultura sertaneja. Desenvolveu e dignificou o conhecimento técnico dos despossuídos materiais, alfabetizando-os, mergulhando-os em meditações sobre o seu cotidiano. Desse processo social resultou um soerguimento, a preservação de valores estruturalmente pertinentes à cultura sertaneja, como o mutirão, por exemplo. E foi com esse instrumental, com o conhecimento de sua região, de suas condições climáticas e sociais, de suas possibilidades intrínsecas, que os sertanejos foram capazes de, após sua morte e seguindo beatos vivenciadores de sua práxis e de sua interpretação do Evangelho, levantar sociedades autônomas igualitárias, como Canudos e Caldeirão. p. 116-7.

<sup>3</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de S. Ibiapina e a história regional do Nordeste. op. cit. p. 73. Segundo o autor, a luta de Padre Ibiapina seria reorientada, ocupando-se de uma obra afastada das competições partidárias, com claros intuítos de organização de uma sociedade rural sob a égide da Igreja Católica e inspirando-se num modelo pastoral original, sem laivos de imposição de uma cristandade ou de uma sociedade teocrática. Imanentes à modernização acolhida pelos gabinetes ministeriais do Império, afagaria a noção de ordem, subjacente ao catolicismo ultramontano, a se defender os excessos de liberdade, ao progressismo, emergentes com o processo de modernização. Numa pauta de pragmatismo fincada na tradição política, propunha e comandava a realização de obras de interesse público no Nordeste, utilizando, porém, uma metodologia própria, a uma práxis de feição autônoma, nos aspectos mais gerais.

amatilhados pelos grandes potentados rurais. Estabeleceu um plano pastoral direcionado às questões mais urgentes das populações sertanejas, familiarizadas com os problemas gerados pelas secas, pelo banditismo, pela ignorância, pela falta de instrução, preocupado em organizar a sociedade rural sob a égide da Igreja Católica. Atento às transformações de sua época, aproximou-se das ideias ultramontanas ao defender os excessos de liberdade e ao progressismo, então emergentes com o processo de modernização. Exemplo disso foi que, antes de dar início aos trabalhos apostólicos, se dirigiu ao bispo D. Luis Antônio dos Santos a fim de receber o consentimento oficial da Igreja, demonstrando um respeito à hierarquia eclesiástica, um dos pontos que norteavam o processo de romanização do catolicismo no Brasil. Diferenciando dos demais missionários pela sua própria formação, o religioso se mostrava atento ao momento de crise pelo qual passava a Igreja Católica.

Segundo João Alfredo Montenegro, o religioso aceitava e agilizava as linhas-mestra da restauração católica, plantadas por Pio IX e, por outro ângulo, imbuído de ideais do século, imanentes à modernização acolhida pelos gabinetes ministeriais do Império, afagaria a noção de ordem, subjacente ao catolicismo ultramontano, a se defender os excessos de liberdade, ao progressismo, emergentes com o processo de modernização. Numa pauta de pragmatismo fíncada na tradição política, propunha e comandava a realização de obras de interesse público no Nordeste, utilizando, porém, uma metodologia própria, a uma práxis de feição autônoma, nos aspectos mais gerais<sup>4</sup>.

Para Luitgarde de Oliveira, numa época em que a intelectualidade brasileira e principalmente o grupo governante recebia influências do pensamento liberal europeu, Padre Ibiapina, rompendo com os esquemas racionalistas e cientificistas, mergulhou no âmago da cultura sertaneja dando início a um programa de melhoria social das baixas camadas do Nordeste.<sup>5</sup>

Acompanhando os sentidos de modernidade da região, aplicava ao meio rural, com o consentimento dos grandes proprietários de terra, aquilo que compreendia ser essencial ao desenvolvimento da vida nos sertões, propagando uma cultura associativa, visando a uma integração e, por conseguinte, aproximando o desenvolvimento social dessas populações católicas à política de modernização das sociedades. Sua ação agradava aos dois lados: para os poderosos da região, as missões foram instrumento de controle dos sertanejos e de sua cultura rebelde, para as lideranças ligadas à Igreja de Roma, uma demonstração do progresso

---

<sup>4</sup> Idem, p. 81.

<sup>5</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. A ação modernizadora de Padre Ibiapina. op. cit. p. 108.

e da fé do maior país católico do mundo, num momento em que o protestantismo ensaiava seus primeiros passos no Brasil.

Nascido em Sobral, no ano de 1806, foi considerado o grande Apóstolo do sertão e das Casas de Caridade; realizador de importantes melhorias nos arraiais, povoados, vilas e cidades por qual passava, chegando a ser considerado “o grande administrador público dos sertões”<sup>6</sup>. Religioso itinerante, seguidor da tradição oratoriana, desenvolveu trabalhos missionários na segunda metade do século XIX, construindo além das casas de caridade e de internatos: açudes, cacimbas, cemitérios, capelas e igrejas; aparelhando as comunidades e instituindo uma moral religiosa aos moradores dos lugarejos. Na visão de Vinícius Barros Leal, as obras que Padre Ibiapina realizou, viu-se, com perspicácia, os problemas da higiene e saúde pública, construindo “hospitais”, cisternas e cemitérios. Estimulou a formação da família cristã, fortalecida por uma fé mais consentânea com os tempos que decorriam<sup>7</sup>.

Visava, antes de tudo, os núcleos populacionais em si, não se preocupando, como as práticas de religiosos do passado, em consolidar as paróquias visitadas nem uma ortodoxia da doutrinação. Estabelecia sua prioridade na formação de comunidades que desenvolvessem ações imediatas de sobrevivência nos sertões. Para Eduardo Hoonart, a atenção de Padre Ibiapina não se voltou para estruturas jurídicas como municípios ou paróquias, de tal sorte que o interesse dele não era em primeiro lugar consolidar a paróquia pelo sistema sacramental

---

<sup>6</sup> Segundo João Mendes Lira: “Entrando pelo sertão agreste como missionário, acudia abnegadamente aos coléricos da Paraíba, em 1856, e de então por diante prosseguiu na desvelada tarefa de dotar de Instituições caritativas as localidades por onde passava. A princípio foram hospitais de emergência para atacados de cólera. Mais tarde se tornariam Caridades ou Misericórdias na verdadeira extensão da palavra. Assim procedeu fundando-as em Sobral, Barbalha, Acaraú, Milagres, Missão Velha, Crato, Angicos, Açu, Acari, Mossoró, Pocinhos, Pombal, Capina Grande, Santa Fé, Cajazeiras, Areia, Gravatá do Jaburu, Bezerras e Baixa Verde; de 1853 a 1879, mais ou menos. Cada uma delas com seu Orfanato, seu Educandário, sua Roda de expostos, suas enfermeiras”. Ver: LIRA, João Mendes, Pe. Sobral na História do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina. Fortaleza: 1976. p. 64. Sobre o assunto ver ainda: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Padre Ibiapina – o peregrino da caridade. Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará, 1995. Padre Ibiapina foi filho de um revolucionário da Confederação do Equador, fuzilado juntamente com Padre Mororó e Pessoa Anta, sendo os bens da família espoliados. Antes de se lançar aos trabalhos religiosos, radicara-se em Olinda, Pernambuco, onde desenvolveu seus estudos. Em 1827, entrou para a Faculdade de Direito, colando grau em 1832, chegando a ser professor de Direito Natural, Juiz, Chefe de Polícia, Deputado Geral e advogado. Aos 47 anos abandonou tudo e fez-se sacerdote em 1853, sendo nomeado vigário geral do bispado e professor de Eloquência Sagrada no Seminário de Olinda, optando pouco depois à vida de missionário.

<sup>7</sup> LEAL, Vinícius Barros. Ibiapina: um profeta em sua terra. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo, XCVII, 1983. p.194

nem a ortodoxia pela doutrinação, nem mesmo a moral pela confissão, mas, antes de tudo, a formação de comunidades nas quais o homem pudesse sobreviver com certa dignidade.<sup>8</sup>

Nas localidades por qual passava, acompanhado dos párocos locais e por vezes das irmandades, o religioso imprimia um ritmo de trabalho – durando dez, quinze ou até dezoito dias em cada lugar –, procurando dotar o povoado daquilo mais urgente, estudando com os próprios habitantes as providências que deveriam ser adotadas, em vista da sobrevivência daquela comunidade: uma cacimba pública, um açude, um cemitério para os coléricos, um hospital, um canal etc.<sup>9</sup>

Segundo Eduardo Diatahy de Menezes, em virtude do número de pessoas atraídas pelo religioso, as construções eram feitas em curto espaço de tempo. Para Josiane Ribeiro, as missões de Ibiapina contavam com um modelo razoavelmente estável, utilizando, em geral, quatro dias de pregação, quando se empenhava em combater os “vícios” que corrompiam a moral dos sertanejos e em esclarecer aos fiéis sobre as virtudes da caridade, bem como sobre os benefícios do amor a Deus. A programação das missões era repleta de atividades: procissões, missas cantadas, penitência pública e discursos dos homens mais ricos e influentes de cada localidade.<sup>10</sup>

As missões feitas pelo pároco, além de trabalhar para os melhoramentos urbanos, procuravam elevar a moral das regiões visitadas, pregando o perdão, a disciplina e a reforma dos costumes. Nas palavras do religioso João Mendes Lira, Padre Ibiapina foi um grande espírito que iluminou os sertões numa época “semibárbara” e remota de nosso *hinterland*, pregando a palavra santa dos Evangelhos e civilizando populações desamparadas, isoladas e carentes de tudo.<sup>11</sup>

As notícias de suas missões se espalhavam rapidamente pelos sertões, sendo aguardadas pelos sertanejos que, em um mister de grande louvor e crença nas palavras e trabalho do mestre, instituíam grupos de devotos: os beatos e beatas. A alguns era dada a tarefa de coordenar os trabalhos de algumas casas de caridade, recrutando homens das camadas mais pobres de trabalhadores do campo, assim como moças órfãs e pobres. Isso

---

<sup>8</sup> HOONAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade fundadas pelo padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 43.

<sup>9</sup> LIRA, João Mendes, Pe. Sobral na História do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina. op. cit. p. 43.

<sup>10</sup> RIBEIRO, Josiane. *Penitência e festa: as missões do padre Ibiapina no Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2006. p. 19.

<sup>11</sup> LIRA, João Mendes, Pe. Sobral na História do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina. loc. cit. p. 65.

valeu ao padre, em 1863, uma censura da Diocese que considerou essa autonomia uma desobediência às prescrições canônicas. Segundo Luitgarde de Oliveira Barros:

Os beatos e beatas de Ibiapina faziam voto de castidade e pobreza, renunciavam “aos prazeres do mundo” e se dedicavam ao serviço de Deus, trabalhando, cuidando dos enfermos, órfãos e necessitados, além dos serviços do culto religioso, como novenas, terços, encomendações de almas e até pregações. Se os sertanejos já conheciam as ordens penitentes onde anonimamente se congregavam para fazer orações, agora assistiam ao desenvolvimento, publicamente, de práticas religiosas que em nada reproduziam o comportamento dos sacerdotes da maioria das paróquias.<sup>12</sup>

Embora tenha recebido tal advertência das autoridades eclesiásticas, os trabalhos desenvolvidos pelo religioso se mostravam necessários. Na década de 1860, ajudou a combater um surto de cólera que assolou a região, erguendo hospitais em algumas vilas e cidades que auxiliaram na contenção da doença. Além dessas providências fazia com que as populações desassistidas pelos poderes públicos se fixassem em suas regiões, não procurando a capital na tentativa de sobrevivência às grandes estiagens. Afora isso, com sua doutrina, estabelecia paz e harmonia pelos sertões castigados pelos crimes e guerras de famílias, pelo cangaço e diversas outras formas de violência.

A união entre a população era uma exigência de Padre Ibiapina. Logo na noite da chegada aos povoados, reunia-se com os habitantes no canto mais público da localidade e solicitava o fim das pendengas políticas, das intrigas familiares, das contendas por terras. Ordenava que famílias desunidas saíssem pela noite visitando as casas de seus desafetos se solidarizando e praticando o perdão. Falando das intrigas disse:

Ficarei muito mal servido, se souber amanhã que alguém hoje deixou de reconciliar-se; espero nos homens de Barbalha que não me darão esse desgosto”. Seriam oito horas da noite e das 11 para as 12, a musica percorria as ruas, celebrando as reconciliações; era uma família de irmãos que se abraçavam cordialmente e lançavam no esquecimento todo o passado<sup>13</sup>.

Grande propagandista de suas missões foi o jornal *A Voz da Religião do Cariri*, órgão de ideias religiosas, criado no Crato em 1868, pelo próprio Padre Ibiapina. Para Josiane Ribeiro, através de suas matérias percebe-se clara obediência à hierarquia da Igreja Romana. Ao defender a possibilidade de progresso e civilização sob a égide do catolicismo romanizado, tutelava ardorosamente a ordem social aproximando-se da posição católico-conservadora, com valores que sustentariam esse desenvolvimento. Intitulava-se como órgão

<sup>12</sup> BARROS, Luitgarde de Oliveira Cavalcanti. A terra da mãe de Deus. op. cit. p. 104-5.

<sup>13</sup> Padre Ibiapina: traços biográficos encontrados no arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara. D'A Imprensa, de Parahyba. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo XXIX, 1915. p. 91.



de ideias morais e religiosas que propunha a “unidade do paiz pela publicidade de materiais que interessem á industria, ao commercio e agricultura”.<sup>14</sup>

Além dessas notícias, o periódico ainda trazia em suas páginas preocupações com o civismo, a denúncia aos desmandos políticos, das ideias imorais, a decadência das crenças religiosas e da moralidade dos religiosos, a falta de segurança, a segurança da honra, da vida e da propriedade; um instrumento em favor da doutrina do Evangelho e da terra pátria, além de evidenciar fragmentos do cotidiano daquelas populações sertanejas. Além disso, noticiava as missões chefiadas pelo missionário em diversas localidades cearenses: Milagres, Crato, Jardim, São Pedro, Barbalha, Goianinha, Porteiras, Brejo; todas as regiões situadas ao sul da capitania foram acompanhadas pelas páginas do jornal religioso, apresentando as localidades no antes e depois das missões; descrevendo suas melhorias materiais e espirituais após os trabalhos missionários<sup>15</sup>.

A violência política era vista com preocupação; os crimes na época eram elevados, não respeitando sequer os religiosos; outra preocupação estava ligada à prostituição, sendo algumas povoações denunciadas como “viveiros de mulheres públicas”. Padre Ibiapina, além do conforto da palavra, aplicava trabalhos em mutirões que procuravam ocupar a população através do trabalho e da união<sup>16</sup>. Povoados foram sendo encontrados pelo religioso no mais deplorável estado moral e material. Padre Ibiapina reagia de forma enérgica a essas questões, imprimindo um ritmo de trabalho que rapidamente aparecia nos resultados.

Na intenção de mostrar as vantagens sociais e morais dos trabalhos missionários, foi noticiado pelo jornal visita a freguesia de Barbalha, povoação pertencente à comarca do Crato. Ainda que florescente no comércio, na indústria agrícola e com bons prédios, a reportagem mostrava no lado moral um total desequilíbrio, apresentando uma sociedade contaminada com os vícios mundanos:

A visita de padre Ibiapina, segundo noticiado nas páginas do periódico, deu início a uma nova era:

---

<sup>14</sup> A Voz da Religião do Cariri. Dez/1868, n.º. 1, p.1. O jornal mantinha correspondência com outros tabloides da região, assim como de outras províncias: Pernambuco, Maceió, Minas Gerais, Piauí, imprensa Inglesa no Rio de Janeiro, The Brazilian World, fazendo conhecer os trabalhos missioneiros na região. Vêm-se os trabalhos de Padre Ibiapina noticiados também pelo jornal Cruzeiro do Brasil, do Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> Dom José Tupinambá da Frota reservou algumas páginas de seu livro aos trabalhos do missionário na região norte do Estado. Ver: FROTA, José Tupinambá da. História de Sobral. op. cit. p. 1995.

<sup>16</sup> Informações foram retiradas das páginas do jornal A Voz da Religião do Cariri, Abr/1869, n.º. 16, p. 4. com o título: Jardim, Aspectos morais.

DEUS, que não deixa sem recompensa os trabalhadores de sua vinha suscitou ao seo Servo, o Apostolo do Cariri; e este trasido, com Jonas aos Ninivitas chegou a Barbalha nos fins de agosto de 1868, e fallando ao povo, tudo se mudou (...) Sim a Barbalha moderna desafia a todos: a o crentes para louvarem, e bem disserem a Deus pelas suas maravilhas: a os desabusados, para verem, admirarem e confundirem- se!!! De quatro ordens são as maravilhas, que apresenta a Barbalha moderna: a saber: a civil e política a moral e religiosa a material: e a sobre natural ou milagrosa: tratemol-as por partes<sup>17</sup>. [grifo nosso]

Fica claro que o sentido de “modernidade” propalado pelo noticiário é estabelecido numa relação ao seu desenvolvimento religioso, onde os prédios utilizados para fins filantrópicos, de uso social e religioso definiam as estruturas materiais desses povoados, estabelecidos como símbolos de uma modernidade em sintonia com os preceitos cristãos; visto com bons olhos pela Diocese.

Os trabalhos missionários eram noticiados dando sempre a ideia de civilidade às regiões visitadas. Ao serem publicadas as notícias das missões na vila de Milagres, a reportagem direcionava-se aos benefícios recebidos com os trabalhos do missionário, destacando a religião sobre os destinos das localidades.

Em matéria publicada em 1869, foi noticiada a andança de um viajante que partiu do Crato, no sul do Ceará, em direção a vila de Cajazeiras, localidade pertencente à província da Paraíba do Norte, a fim de visitar o reverendo Padre Ibiapina que havia levado missões à região. A matéria passava a descrever a localidade como uma povoação desenvolvida, fator de espanto ao passeante que estivera ali em tempos passados: de comércio ativo, bom casario e povo animado, fazendo o observador pensar que havia ali uma “fonte de animação”, bem diferente de suas primeiras impressões. Saindo como um investigador pelas ruas, o articulista passou a percorrer os recantos da vila atrás do que chamava de “fonte oculta” daquelas transformações; não demorando a achar “a ponta da meada”: as torres da igreja Matriz; segundo ele, “as pontas do fio condutor”.

Além da própria prática religiosa da população, que via na “santa religião” a única capaz de fazer a felicidade dos povos, a igreja foi para o “viajante místico” a clara resposta ao progresso da vila, elemento central que conduzia o dinamismo da região, assim como de outros aparelhos religiosos na composição urbana: o cemitério, as demais capelas, as casas de caridade – algumas reformadas, outras criadas pelo religioso –, como marcos mediadores do seu reconhecimento, estabelecendo nesses elementos arquitetônicos sistemas de

---

<sup>17</sup> Idem.

comunicações que manifestavam uma identidade ao lugar,<sup>18</sup> principalmente os ligados à religião, que serviram enquanto imagens representativas de uma localidade em pleno desenvolvimento. Nas páginas do periódico afirmava que:

Em quanto as outras [cidades] estacionavão, na producção de mateira, ella mantinha seus Collegios de educação, celebrava suas festas em honra a DEUS, e da Santissima Virgem! Em quanto as outras obedecião a chefes políticos, que as desmoralizavão, ella tinha a sua frente um Ministro de DEUS que aplainava os caminhos do progresso, que guiava os seus povos pelos desertos da vida, que fallava-lhes de DEUS, e por DEUS; e que preenchia essa missão sublime, que foi confiada por DEUS a Moisés! Sim! só a religião sancta de Jesus Christo, que nos conduz a gloria eterna, pôde fazer a felicidade deste mundo!<sup>19</sup>

O número seguinte do jornal, logo na primeira página, dava continuidade às impressões sobre Cajazeiras:

Esta Villa, cujo espaço em 1830 não continha uma choupana sequer, e onde em 1847 diminuta povoação as pessoas que pelo Natal ahi vinhão assistir á Novena do Menino DEUS, pela vez primeira solemnizada com musica mui simples, porem maravilhosa pela novidade, vião-se obrigados a voltar no mesmo dia por evitar o trabalho de buscar agoa distante uma legoa; hoje se admira, e entre nossas Villas e Cidades visinhas somente cede ao Icó e Crato<sup>20</sup>.

O “turista” deixava notar nessas impressões sua ideia sobre os trabalhos das missões que, sob a tutela do religioso cearense, conseguia frente a uma região dominada pelos desmandos políticos, funcionar como um mecanismo de desenvolvimento, que “aplainava os caminhos do progresso”. As missões de padre Ibiapina produziam no imaginário do viajante uma relação íntima entre desenvolvimento religioso e urbano, espiritual e material; exercendo em suas descrições ideias de como o sentimento cristão, então renovado pelos trabalhos missionários, chegavam a mudar não somente os espíritos, mas a própria fisionomia das localidades visitadas.

As missões tomavam vulto, exercendo uma nova dinâmica no cotidiano das comunidades sertanejas que se reorganizavam em detrimento das pregações do padre e das

---

<sup>18</sup> Essa questão nos remete a Michel de Certeau, quando afirma ser a experiência dos caminhantes da cidade a forma elementar da leitura urbana: “Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado ele torna efetivamente algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona, portanto”. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 10a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 178.

<sup>19</sup> *A Voz da Religião no Cariri*, out/1869, n.º. 40. A Villa de Cajazeiras. pgs. 2 e 3.

<sup>20</sup> *A Voz da Religião no Cariri*, out/1869, n.º. 41. O Padre Mestre Ibiapina em Cajazeiras em 1869 de vinte de agosto ao ultimo de setembro. p. 1.

construções, chegando a receber o reconhecimento formal das Câmaras pelos serviços no desenvolvimento local. Ao aparelhá-las com suas obras de filantropia, parecia instaurar um ar de “modernidade” aos sertões, muitas vezes erguendo os primeiros prédios nas acanhadas povoações sertanejas, fazendo renascer povoados antes no quase abandono, retirando as populações do isolamento, instituindo trabalhos de obras públicas que aparelhassem a região do mais necessário. Para Luitgarde de Oliveira, com os trabalhos de Padre Ibiapina, o antigo costume sertanejo do mutirão é revitalizado, agora para as obras públicas. O pregador inflamava populações adormecidas por séculos de abandono. A mensagem que ele trazia não era mais de uma felicidade após a morte. Apavorados com a condenação eterna, milhares de proprietários faziam doações e se uniam à pobreza, na luta pela erradicação da miséria e da ignorância<sup>21</sup>.

Se chegasse a alguma localidade que não respeitasse o ritmo de seu trabalho, o religioso apresentava tom enérgico, principalmente contra os que não iam assistir suas pregações. Alguns proprietários de engenhos, em época de produção, costumavam não comparecer às pregações do missionário; este mandava “calar os engenhos”. Àqueles que teimassem eram severamente punidos: alguns engenhos amanheciam quebrados, outros ardiem em chamas, acontecimentos relacionados talvez, a maldição do padre<sup>22</sup>.

No decorrer das missões via-se o desarmamento de cangaceiros, comunhões sacramentais, arrecadação de esmolas, aberturas de estradas de comunicação, construção de açudes e cacimbas, erguimento de igrejas e reforma de outras, além de procissões e penitências; levando às populações sertanejas a um disciplinamento austero. As horas do dia eram divididas entre missão, oração e trabalho. O primeiro dia era reservado à esmola popular com também exposição ao povo de imagens dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, onde os devotos depositavam esmolas aos pés das imagens. O segundo dia ficava reservado às penitências. Ao findar os sermões, o missionário ordenava que se recolhessem na matriz a fim de se amortilhar, seguindo em procissão pelas ruas da cidade acompanhada pela multidão.

As procissões penitenciais terminavam com a representação da glória: dia em que todos os moradores deveriam carregar velas e tochas pelas ruas da cidade. Após a homilia, mandava acender as luzes, causando uma sensação de torpor entre a população. Em certas

---

<sup>21</sup> BARROS, Luitgarde de Oliveira Cavalcanti. *A terra da mãe de Deus*. op. cit. p. 102.

<sup>22</sup> *A Voz da Religião do Cariri*. Maio/1869, n.º. 20, p. 4.

partes, havia de dez a doze mil tochas acesas iluminando os povoados que nunca haviam presenciado tais acontecimentos:

Nunca vimos movimentos tão rápidos; em um momento tudo estava acceso, parecia, que uma faísca elétrica tinha caído sobre todos os pavios no mesmo momento, feito d'aquella grande auditorio um oceano de fogo, um Ceo de estrelas<sup>23</sup>.

À noite, a cidade parecia ganhar vida, se movimentava pela oscilação das luzes, parecendo ser uma extensão das estrelas no céu, dando a impressão de que ou o “céu baixara a terra” ou a “cidade se elevava aos céus”, estabelecendo uma ligação entre os dois mundos, sagrando a cidade ou o povoado daquilo mais sublime, findando a missão de forma apologética, plasmando no espírito dos moradores os sentimentos mais elevados, reproduzindo uma aura religiosa à cidade, sacralizando cada recanto, cada obra, cada morador.

Um clima de festa era instaurado, estalando os foguetes em sinal de alegria, somados ao som da música cabocla que invadia as noites soturnas dos lugarejos, que não tinham ideia do que era esse tipo de movimentação. Ao padre Ibiapina, semeador das povoações e das almas sertanejas, brotava um sentimento de gratidão e reconhecimento pelas benfeitorias, onde as populações visitadas elevavam o seu nome ao mais alto posto de virtudes.

Nessa perspectiva foi-se construindo ao redor do missionário, um sentimento taumaturgo, autor, segundo os sertanejos, de milagres enquanto vivo, curando pessoas enfermas que procuravam seus conselhos, acontecimentos que pareciam dotar-lhe de poderes milagrosos. O jornal não se preocupou em esconder essas questões, informando que deveriam ser propagadas por todos os prodígios feitos pelo “santo padre”.

A povoação de Caldas, situada na freguesia de Barbalha, ao sul da província cearense, fora edificada após notícias miraculosas do missionário. Estando na cidade de Barbalha, em 1869, foi procurado por uma pobre velha que sofria de uma moléstia, solicitando ao levita cura à sua doença. Diz a história, que padre Ibiapina mandou-lhe tomar banhos cálidos, que na compreensão de uma senhora sem instrução, transformou-se por banhos em Caldas, localizada no sopé da serra do Araripe, onde inicia o rio Salamanca, afluente do Salgado. Dias depois voltou à velha senhora propagando a cura de seus males, apontando o missionário como milagreiro.

---

<sup>23</sup> Idem.

Conhecida por Luiza, a mesma acompanhou padre Ibiapina por três meses, apregoando o milagre a que foi submetida. Desde então, começou um movimento de romaria ao local, todos imitando a “senhora sã”. Segundo João Dias Sobreira, as pessoas que visitavam os banhos em Caldas passavam ali três dias, como fizera a velha Luiza, e, como não havia casa onde os peregrinos se alojassem, fabricavam de palhas de palmeiras pequenas choupanas, onde passavam aqueles três dias, no fim dos quais as deixavam, servindo imediatamente de pouso a outras famílias. Como era grande a concorrência de romeiros, grande era também a multiplicidade de choupanas, que se levantavam como por encanto no meio da mata, de sorte que, no fim de algumas semanas, havia crescido o número de habitações, em forma de rua.<sup>24</sup>

Aos poucos a notícia se espalhou para além das fronteiras da província, onde moradores dos sertões vizinhos procuravam conhecer ou se curar nas águas (con)sagradas pelo padre. Em curto tempo acharam por bem construir uma ermida ao pé da fonte, em honra a Bom Jesus dos Pecadores, substituída rapidamente por uma capela, a qual foi edificada sobre a anterior; chegando rapidamente a categoria de povoação, desenvolvendo um comércio ao redor do templo.

A fonte de Caldas tem sido muito notável pelos muitos milagres que Deus tem obrado com suas águas desde as missões do padre Ibiapina em 1869. Como já ficou dito, alimentou-se uma porção de povo que morria de fome, e todos satisfeitos bendiziam a Deus e glorificavam ao seu Ministro.<sup>25</sup>

O jornal *A Voz da Religião do Cariri*, passou a noticiar os milagres acontecidos em Caldas, dando informações periódicas de pessoas curadas, a ponto de se convidar o bispo diocesano, acolhido por uma erupção cutânea, a se banhar nas águas a fim de sarar da moléstia. Chamada de Fonte Miraculosa, várias páginas do jornal foram dedicadas aos movimentos em torno do lugarejo que rapidamente se tornou um povoado.

A sugestão não fora seguida pelo eminente bispo, mas mostrava a importância que tal acontecimento teve na região. A concorrência ao local foi se acirrando, chegando de 200 a 400 pessoas por dia, urgindo uma infraestrutura que acolhesse as famílias de peregrinos que visitavam a estância.

---

<sup>24</sup> SOBREIRA, João G. Dias. Fundação de Caldas. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LV, 1941. p. 229.

<sup>25</sup> Padre Ibiapina: traços biográficos encontrados no arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara. D'A Imprensa, de Parahyba. op. cit. p. 98.

Várias notícias chegavam de pessoas curadas, aumentando a devoção da população ao local: doença dos olhos, reumatismo, erisipela, moléstias uterinas, dor no umbigo, tumores, doença de gota, do coração; todos diziam receber a cura, deixando registrados no jornal seus nomes e profissões. Outras notícias se davam sobre outras fontes, por qual passara o peregrino. Em Nova Jerusalém, na província da Paraíba do Norte pertencente ao bispado de Pernambuco, chegavam notícias sobre curas milagrosas de suas águas, aumentando ainda mais a fama do padre.

Padre Ibiapina faleceu em 1883, aos 77 anos no município de Santa Fé, na Paraíba, deixando um legado de 22 casas de caridade, orfanatos, açudes, igrejas, e outros melhoramentos nunca vistos pelas populações a qual visitara. Matriz geradora de uma estirpe conselheira do povo, influenciador dos trabalhos do religioso Cícero Romão Batista, futuro padim Ciço, e de José Tupinambá da Frota, futuro bispo de Sobral, assim como do beato Antônio Conselheiro, fundador de Canudos, “renovou” os sertões nordestinos com suas pregações e trabalhos comunitários, dotados de métodos religiosos originais, estabelecendo uma dinâmica urbana aos povoados, vilas e cidades abandonadas pelo poder estatal, reforçando o domínio da Igreja em cada recanto sertanejo, influenciando sobremaneira as localidades e as almas dos sertões.

Segundo João Alfredo Montenegro, todas essas obras, cada uma por si encerrava um significado social de acentuado interesse histórico regional, surgindo, crescendo ou permanecendo dentro de um período de mudanças importantes para o país, para o Nordeste.<sup>26</sup>

As missões populares desenvolvidas por Padre Ibiapina continham componentes que estruturavam as pequenas cidades do interior, levando melhorias materiais determinantes para o desenvolvimento humano naquelas localidades. Funcionando como um gestor público, implementou nas povoações, embora timidamente, um ordenamento urbanístico a partir dos aparelhos arquitetônicos criados por ele, investindo em elementos que pontuavam o crescimento e o desenvolvimento das chamadas cidades sertanejas.

## **Bibliografia:**

---

<sup>26</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de S. Ibiapina e a historia regional do Nordeste. op. cit. p. 35.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Padre Ibiapina** – o peregrino da caridade. Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará, 1995.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. A ação modernizadora de Padre Ibiapina. In: DESROCHERS, Gerogette; HOONAERT, Eduardo (orgs). **Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 10a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. 3a ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.

HOONAERT, Eduardo. **Crônicas das Casas de Caridade fundadas pelo padre Ibiapina**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

LEAL, Vinícios Barros. **Ibiapina: um profeta em sua terra**. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo, XCVII, 1983.

LIRA, João Mendes, Pe. **Sobral na História do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina**. Fortaleza: 1976.

MELO, Francisco Dênis. **Imaginário da população da ribeira do Rio Acaraú em Sobral-Ce**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2001. (mimeo).

MONTENEGRO, João Alfredo de S. Ibiapina e a história regional do Nordeste. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo XCVII, 1983.

RIBEIRO, Josiane. **Penitência e festa: as missões do padre Ibiapina no Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2006.

SOBREIRA, João G. Dias. Fundação de Caldas. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo LV, 1941.

#### **Fontes:**

Padre Ibiapina: traços biographicos encontrados no arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara. D'A Imprensa, de Parahyba. Tomo XXIX, 1915.

A Voz da Religião do Cariri. Dez/1868, n.º. 1; 2; 3.

A Voz da Religião do Cariri, Abr/1869, n.º. 16.

A Voz da Religião no Cariri, Out/1869, n.º. 40; 41.



A Voz da Religião do Cariri. Jan/1869, n.º. 6; 26; 28.

A Voz da Religião do Cariri. Mai/1869, n.º. 20.

A Voz da Religião do Cariri. Set./1869, n.º. 37.